

Editorial

É com imenso prazer que convidamos todos os agebeanos, pesquisadores, estudiosos e curiosos a lerem a edição de número 56 da Revista Terra Livre. Este número da publicação foi marcado pela continuidade da pandemia da Covid-19, condição esta que vivemos já há dois anos – e contando.

Esta edição conta com a publicação de 23 artigos, que abordam temas como conjuntura política brasileira, sobre o pensamento geográfico, sobre as múltiplas visões sobre a geografia cultural, sobre ensino de geografia e políticas educacionais, sobre os desafios vividos no campo e na cidade brasileiros, e ainda uma resenha sobre epistemologia na geografia. Prezados pelo diálogo entre o conhecimento científico e as questões sociais, e dessa forma esperamos que os textos repercutam e tragam possibilidades de reflexões e diálogo sobre a ciência geográfica e as contribuições desta para a sociedade.

Durante o período de elaboração desta edição, foi realizado o primeiro Fórum de Editores da AGB, no final do mês de janeiro 2022, onde participamos as editoras da Revista Terra Livre, editores de outros periódicos ligados às Seções Locais da entidade. Dos diálogos deste encontro desenvolvemos em conjunto um documento de compromissos e princípios éticos voltados a todos os colaboradores de todos os periódicos da AGB: autores, avaliadores, editores e leitores. Esse documento tem como intuito nortear as práticas e políticas editoriais da entidade, prezando pelos princípios que deram origem à Terra Livre: o diálogo com questões e demandas sociais a partir da ciência, fomentando e divulgando debates que interessam à sociedade e à ciência geográfica.

Diante de uma conjuntura ainda pandêmica que persiste e insiste em assolar o mundo, continuamos juntas, resistindo a esse contexto. Aproveitamos este ensejo para nos posicionar contra o negacionismo em relação à vacinação. Os efeitos da vacina aplicadas a grande parte da população brasileira (e mundial) já mostrou eficácia, com a diminuição significativa de internações e óbitos causados pela doença. Muitos acreditam que o que está acontecendo é um estabelecimento de um “novo” normal, por isso trazemos a reflexão do pensador Ailton Krenak (2020, s.p):

Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. (...). Seria como se converter ao negacionismo, aceitar que a Terra é plana e que devemos seguir nos devorando. Aí, sim, teremos provado que a humanidade é uma mentira.

Voltar a normalidade é deixar subentendido que o negacionismo prevaleceu, pois nesse ínterim pandêmico o discurso negacionista assumido no Brasil – um país que historicamente teve sucesso nas campanhas e adesões a vacinação, o que é reconhecido internacionalmente – tomou proporções estarrecedoras.

Isso ocorreu em certa medida pelo forte boicote às medidas de distanciamento social, única medida conhecida que previne e controla a pandemia da Covid-19 sem a vacinação, e o uso de máscaras. Isso foi gerou uma subnotificação dos dados epidemiológicos, que fez com que houvesse displicência na forma de traçar estratégias nacionais de saúde. O que vimos foi o estímulo a tratamentos medicinais sem validade científica, e tentativa de descredibilização da vacina. O posicionamento negacionista em relação à ciência acentua as incertezas e influencia as escolhas participação da população que, em vez de seguir os protocolos de prevenção, acaba por agir de maneira a possibilitar a maior propagação do vírus pela desinformação veiculada cotidianamente. Isso compromete a situação do país em relação à pandemia, ameaça aflige diretamente a democracia nacional.

A pandemia da Covid-19 também foi responsável pelo desgaste em diversas áreas: economia, saúde, educação, política e cultura. Essa deterioração trouxe à tona debates sobre a necessidade de ser produtivo “todo tempo e a todo custo”, o que acaba por adoecer e sobrecarregar inúmeras pessoas. Por isso, destacamos a importância do debate sobre saúde mental, sobre a necessidade de cuidarmos de nós e aceitarmos nossas fragilidades enquanto seres humanos. As doenças mentais afligem de maneira cada vez mais voraz a comunidade acadêmica: pesquisadores, professores e estudantes são cada vez mais suscetíveis a doenças como, por exemplo, depressão, ansiedade, síndrome do pânico e síndrome de *burnout*. Muitas vezes os sintomas são acompanhado do desespero, devido à falta de incentivos – sejam eles emocionais ou financeiros – para possibilitar a continuidade e prosseguimento das pesquisas e dos projetos. Destacamos aqui a gravidade dos cortes de bolsas das agências de fomentos federais e a ausência de aumento há das bolsas de pós graduação das principais

agencias federais – CAPES E CNPq há quase uma década. Isso acarreta em uma grande evasão de pesquisadores, que passam por situações de insegurança emocional e impossibilidade de financeira de dar continuidade às pesquisas. Além de terem que fazer ciência com todo o rigor e análise crítica que é necessário à prática científica, muitas das vezes o tempo dos pesquisadores é tomado pela lida com as angústias, frustrações e falta de perspectiva para o futuro. Somado à isso, torna-se necessária uma defesa da ciência para combater o negacionismo científico – o que muitas vezes causa uma defesa cega da ciência positiva. A seguir expomos os estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) (2021) sobre desemprego no Brasil:

O Brasil enfrenta hoje uma recessão econômica que aumentou o número de desempregados para um recorde negativo histórico, atingindo 14,7% dos brasileiros ao fim do 1º trimestre de 2021, o que representa 14,8 milhões de pessoas. Os jovens na faixa de 18 a 24 anos viram um crescimento acentuado na taxa de desocupação que, atualmente, impacta 31% deste público [...].

Sendo assim, entendemos que a exigência da produtividade científica pode ser considerada como uma forma perversa de manutenção e legitimidade dessa forma de agir e ser, que foi implementada no ambiente acadêmico como uma lógica maçante e competitiva. Devido a estes fatores, consideramos que muitas vezes a produção científica é realizada sem critério ou rigor, e cada vez mais é necessária uma reflexão crítica sobre as exigências impostas por agentes externos, pois essa forma de produção acaba se tornando um conjunto de tentativas de demonstração do valor e da importância da pesquisa, para que seja possível ao menos flertar em tentar uma vaga de emprego na área de estudo consolidada.

Este cenário de desgastes e de incertezas não é exclusividade do Brasil, tendo em vista os momentos de tensão mundial que vivemos pelas questões geopolíticas da Europa (Ucrânia X Rússia). As consequências deste conflito poderão reverberar em todos os cantos do planeta, apenas por acontecerem onde acontecem – no suposto centro do mundo. Essas inseguranças acabam sendo fomentadas pela disseminação de *fake news*, e discursos vazios de ódio que legitimam e ganham força por grupos extremistas e radicais. Consideramos que a ciência não é uma produção meramente realizada em um gabinete, que beneficie um ou outro sujeito, mas ela deve se fazer presente no cotidiano de toda a humanidade.

Deixamos, para concluir esta nota, uma provocação e reflexão sobre os objetivos da pesquisa científica: a ciência é uma ponte construtiva, ou arma destrutiva, ou um mero adereço da negação?

Aproveitamos ainda para fazer um convite a toda a comunidade geográfica para participarem do XX Encontro Nacional de Geógrafos e Geógrafas (ENG), que ocorrerá entre os dias de 20 a 24 de julho 2022, no formato online. Esse evento tem a proposta de ser um espaço múltiplo e plural de reflexão sobre temas e as ações ligadas à Ciência Geográfica. Acessem o site para maiores informações: <https://eng2022.agb.org.br/> .

Referências:

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Relatório econômico**. Brasília: Ipea; IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38536&Itemid=3> . Acesso em 20 de fev. 2022.

KRENAK, Ailton Alves Lacerda. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 12p.

Coletivo de Publicações (2020-2022)
Maria Clara Salim Cerqueira
Rachel Facundo Vasconcelos Oliveira